

# Maputo acusa Lisboa de «apoiar» RENAMO

O Governo português decidiu não reagir de imediato, pelo menos publicamente, ao comunicado moçambicano de sexta-feira à noite que referia alegado envolvimento de Lisboa em actos contra Maputo.

Uma vez que há oito dias já se tinha desmentido que membros do Governo português houvessem estado envolvidos na preparação e direcção de actos da RENAMO, o Executivo de Mário Soares não achou necessário responder publicamente, neste fim de semana, às novas posições assumidas nas últimas 48 horas pelas autoridades moçambicanas.

Em Maputo, o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, convocou na sexta-feira à tarde o embaixador português, Paulouro das Neves, e falou-lhe da antiga ideia de que o chamado «banditismo armado», ou seja, a «Resistência Nacional» (RENAMO), não é mais do que uma tentativa de continuar a antiga acção colonial portuguesa e de evitar o pleno controlo de Moçambique pela FRELIMO.

Durante perto de hora e meia, o embaixador teria ouvido queixas que os dirigentes moçambicanos costumam fazer e segundo as quais personalidades portuguesas já por mais de uma vez teriam tentado, desde o 25 de Abril, impedir que a FRELIMO fosse o partido único a conduzir os assuntos da sociedade moçambicana.

Segundo o que se tem escutado por vezes à figuras do regime moçambicano, estas pensam que interesses económicos portugueses se serviriam da RENAMO para tentar recuperar posições que tinham em Moçambique antes da descolonização, actuando para tanto em conluio com alguns sectores sul-africanos e com o Malavi.

Dadas as excelentes relações que ainda há dois meses existiam entre os estados português e moçambicano e dada até a forma aparentemente muito cordial como decorreu a visita efectuada a Moçambique pelo primeiro-ministro Mário Soares, não é fácil de entender como nas últimas semanas começaram a surgir atritos entre Maputo e Lisboa.

Se o mais recente comunicado moçambicano entregue na sexta-feira ao embaixador Paulouro das Neves vai ou não fazer com que o Executivo português tente restringir a liberdade de movimentos daqueles seus cidadãos que distribuem em Lisboa comunicados da RENAMO é coisa que ainda não se sabe.

## GARANTIAS!

No entanto, é de admitir que nos próximos dias, pelas vias diplomáticas, com ou sem repercussão pública, Portugal reassegure a Maputo estar verdadeiramente empenhado na pacificação da vida em todo o território de Moçambique e não ser de modo algum menos sensível à necessidade dessa pacificação do que a África do Sul o é.

As autoridades portuguesas deverão dar às suas congéneres moçambicanas a garantia de que nenhuma conjura será preparada em Portugal contra elas.

Tal como Moçambique conseguiu superar ao longo do presente ano as enormes divergências que tinha com o Governo da África do Sul e

que com ele estabeleceu um «modus vivendi» elogiado em diversos pontos do Globo, assim virá a conseguir decerto — considera-se em alguns meios diplomáticos — solidificar uma relação porventura melhor com Portugal.

Há figuras, tanto em Maputo como em Lisboa, que trabalham nesse sentido, procurando vencer os obstáculos levantados por determinados meios que em nada têm facilitado a continuação dos bons laços luso-moçambicanos que estavam a ser forjados desde que Francisco Sá Carneiro decidiu dar definitivamente por enterrado o contencioso que vinha desde os tempos da proclamação da República Popular de Moçambique.

# **RENAMO também acusa Portugal**

A RENAMO alegou ontem em Lisboa haver um plano moçambicano para assassinar em Portugal o seu secretário-geral, Evo Fernandes, com conhecimento de «certos sectores de decisão portuguesa».

Em comunicado entregue à Imprensa pelo presente porta-voz daquele movimento de oposição armada ao regime moçambicano, Paulo Oliveira, afirma-se que nas últimas semanas teriam chegado a Lisboa nove pessoas apresentadas como agentes dos Serviços Moçambicanos de Segurança.

O documento acusa a Embaixada de Portugal em Maputo de cooperar com «os Serviços Secretos Moçambicanos», emitindo passaportes que servem para os agentes de segurança virem a Lisboa como «visitantes em férias».

Um porta-voz da Embaixada portuguesa em Maputo declarou que «nem sequer merece qualquer comentário», o comunicado da RENAMO distribuído em Lisboa.

Entretanto, a ANOP apurou em Maputo que a Embaixada portuguesa não emite passaportes por esse serviço estar fora da sua competência.

## **Encontro Soares-Machel em Nova Deli**

Mário Soares e Samora Machel conversaram informalmente durante breves minutos em Nova Deli — disse uma fonte moçambicana.

Segundo a mesma fonte, o primeiro-ministro português teria manifestado à delegação moçambicana o desejo de ter uma conversa mais demorada com o presidente de Moçambique, mas a oportunidade não surgiu.

Durante a breve troca de impressões que tiveram no hotel onde ambos estavam hospedados, Mário Soares teria manifestado a sua preocupação de que manobras relacionadas com a RENAMO e África do Sul possam afectar as relações luso-moçambicanas.

Uma fonte próxima da delegação que acompanhou o presidente Samora Machel à Nova Deli revelou que o dirigente moçambicano respondeu a Soares que só devido à amizade que tem por ele e pelo presidente Eanes ainda não fez uma declaração pública sobre o envolvimento de forças em Portugal no apoio à RENAMO.